



## **A POTÊNCIA DO CORPO EDUCATIVO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ATIVAS E INSURGENTES NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA PERIFERIA DE BAGÉ (RS)**

*EIXO 07 - CORPOS EM CRIAÇÕES POSSÍVEIS: EXPRESSÕES FILOSÓFICAS, POLÍTICAS E ESTÉTICAS*

Fernanda de Oliveira Freitas<sup>1</sup>  
Dulce Mari da Silva Voss<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho parte das experiências de leitura vivenciadas através do Programa Escola em Tempo Integral em uma escola periférica da cidade de Bagé (RS), com o objetivo de olhá-las como experiência de criação da potência do corpo educativo. Essa reflexão se apoia no conceito de criação de Deleuze e Guattari (2010) e experiência em Larrosa (2014). Considera-se que a potência do corpo educativo surge em movimentos que subvertem o ensino da Língua Portuguesa enquanto ordem pautada na transmissão e reprodução da gramática convencional, abrindo passagens para outras gramáticas e linguagens inventadas nas experiências de leitura com as crianças, processos de criação que ativam forças do aprender coletivo, potência do corpo educativo.

**Palavras-chave:** Corpo educativo; Criação; Ensino de Língua Portuguesa; Escolas periféricas; Experiência.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) – Campus Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil. [fernandadof2.aluno@unipampa.edu.br](mailto:fernandadof2.aluno@unipampa.edu.br);

<sup>2</sup> Doutora em Educação com Estágio Pós-Doutoral em Educação, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) – Campus Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil. [dulcevoss@unipampa.edu.br](mailto:dulcevoss@unipampa.edu.br)



## INTRODUÇÃO

As práticas pedagógicas vivenciadas através do Programa Escola em Tempo Integral<sup>3</sup> de uma escola periférica localizada no bairro Passo das Pedras, em Bagé (RS) conduzem a reflexão proposta neste trabalho. Pretendemos olhar para estas práticas como experiências de leitura com as crianças em que outras linguagens subvertem o ensino baseado na transmissão e reprodução das normas da Língua Portuguesa, abrindo possibilidades para o que chamamos de criação da potência do corpo educativo.

Neste estudo, o termo periferia assume um sentido polifônico para análise dos processos de ensino e aprendizagens que ocorrem nas escolas situadas nos bairros mais distanciados do centro da cidade. Levamos em conta essa condição de territorialidade, entrecruzando a reflexão acerca dos territórios das escolas com a percepção das contingências sociais das comunidades periféricas e suas culturas, como as culturas das crianças:

De qualquer forma, das inúmeras leituras que crianças e jovens podem fazer das desigualdades sociais, o que gostaria de enfatizar aqui é que estamos diante de uma outra infância, a que por força do desenclausuramento das condições que a modernidade lhe impôs, nos espaços-tempos da escola e da família, constitui-se de outra forma, inserindo-se de modo a resgatar uma cultura e uma vida em comum construída por todos e para todos. (Castro, 2002, p. 56-57)

Nas escolas periféricas, as crianças vivem infâncias de diferentes modos e, ainda que afetadas por condições precarizadas de materialização das existências, fazem leituras de mundo singulares, repletas de curiosidade, imaginação e criação, pois, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.” (Freire, 1982, p.3). Daí que as práticas pedagógicas efetuadas nas escolas periféricas devem favorecer o envolvimento dos/as professores/as com as comunidades em que as escolas estão situadas.

Também consideramos que as escolas e comunidades periféricas situadas nos bairros da cidade de Bagé, a qual compõe parte da Campanha Gaúcha, região fronteira entre Brasil e

---

<sup>3</sup> O Programa Escola em Tempo Integral é uma estratégia do Governo Federal com fomento financeiro e apoio técnico para viabilizar o alcance da meta 06 do Plano Nacional de Educação 2014-2024 (Lei nº 13.005/2014). Sua finalidade é estimular a criação de matrículas na educação básica em tempo integral, considerando os estudantes em maior situação de vulnerabilidade social, na perspectiva da educação integral e alinhada à Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2024).



Uruguai, são demarcadas pelas fronteiras geopolíticas do Sul Global (Silva, 2022). Assim, escola e comunidade constituem identidades e culturas atravessadas pelas contingências geopolíticas específicas, o que desafia os processos de ensino e aprendizagem a irem além da reprodução de códigos linguísticos e normas gramaticais de uma única língua, a língua portuguesa, suscitando novas práticas pedagógicas que permitam multiplicar as formas de linguagem e as leituras de mundo.

Para isso, temos que nos perguntar: como encontrar lugar na escola para que as crianças façam suas próprias leituras de mundo e possam expressá-las? Kohan (2015), em seu ensaio sobre a relação entre filosofia e infância, nos ajuda a responder esta questão:

Parece difícil na escola do inumano, do currículo, das avaliações, das séries que progridem para preparar a infância para um tempo melhor, para que as crianças possam abandonar aprazivelmente a infância e habitar o mundo dos assuntos que contam e importam. Contudo, essa escola é também habitada por outra: a escola como *scholé*, a escola do tempo livre, liberado, da lembrança do outro esquecido, de um tempo aiônico, sem sequência de passado, presente e futuro. (KOHAN, 2015, p.225)

O tempo *chronos* é aquele que impede as crianças de viverem experiências de criação, é o tempo que limita seu mundo ao mundo da preparação para a vida adulta e faz da escola um lugar enfadonho, triste e repetitivo de uma linguagem normativa. Mas, nela também pode haver espaço para o tempo *aión* de viver outras infâncias de modo sensível em que acontece a invenção de singularidades.

## **METODOLOGIA**

O trabalho, aqui apresentado, se apoia no conceito de criação em Deleuze e Guattari (2010) e na ideia de experiência em Larrosa (2014), trazendo à tona experiências de leitura vivenciadas com as crianças na escola enquanto aprender coletivo de outras linguagens, nisso reside a chamada criação da potência do corpo educativo.

Nele, refletimos sobre as experiências realizadas com uma turma de segundo ano do ensino fundamental, no dia 17 (dezessete) de março de 2024, durante o período de contraturno na escola do bairro Passo das Pedras (Bagé, RS). Neste dia, fizemos a leitura do livro *Homem Folha* de Lois Ehlert (2005), escolhido por estarmos na entrada do outono em que é possível



observar a perda das folhas das árvores como um fenômeno característico da natureza e do cotidiano das crianças das escolas no lugar em que habitam.

## DESENVOLVIMENTO

Logo após a entrada na sala, organizamos o grupo em uma roda, para apresentar o livro e contar a história do Homem Folha, que diz assim:

O homem das folhas vivia perto de mim, em uma pilha de folhas. Mas ontem o vento levou o Homem Folha embora, e ele não deixou nenhum plano de viagem. A última vez que o vi, ele estava indo para o leste - passando pelas galinhas, em direção ao pantano, sobre os patos e gansos. Um Homem Folha tem que ir para onde o vento sopra. Ela passou por cima dos campos de abóboras de inverno, e voou sobre o peru, passando por batatas, cenouras e repolhos em fileiras. Então ele desapareceu de vista. Ele está indo para o oeste, acima dos pomares, ou sobre os prados da pradaria, e além da vaca malhada. Bem, um Homem Folha tem que ir para onde o vento sopra. Talvez, o Homem Folha, esteja deslizando na brisa de um lago, ou voando ao longo do rio, seguindo as borboletas que vão para o sul. Bem, um Homem tem que ir para onde o vento sopra. Ele pode até estar viajando para o norte, acima das folhas que se parecem com ele, ou voando sobre montanhas, com um bando de pássaros. Quando o Homem Folha olha para a Terra, será que ele está sentindo falta de um lar? Isso eu sei, onde um Homem Folha vai aterrissar, só o vento sabe. Portanto, ouça o farfalhar das folhas, talvez você encontre um Homem Folha esperando para ir para a casa com você. (Ehlert, 2005, p. 1-34)

As crianças prestaram muita atenção e, assim que terminamos a leitura, uma conversa animada aconteceu em que disseram ter gostado da história. Surgiu a ideia de coletar folhas no pátio da escola, e assim fizemos. As crianças correram pelo pátio, catando as folhas caídas das árvores e, ao voltarem para sala, passaram a usá-las na composição de uma arte do personagem Homem Folha inventado por elas.

### Figuras 1 a 4: O Homem Folha



Fonte: As autoras, 2025



Figura 5: Composição coletiva das criações das crianças



Fonte: As autoras, 2025

Sobre um fundo branco se desenhou a arte do Homem Folha, uma colagem e montagem sobreposta de tons, texturas e formas que deram vida ao imaginado por cada criança. Ao inventarem suas próprias versões do Homem Folha, as crianças criaram sentidos singulares, ativando formas de ver, sentir e expressar suas leituras da história, ver e dizer de uma linguagem. Assim como assinalam Deleuze e Guattari (2010) ao conceituar a criação como a produção de algo novo que emerge do encontro entre sujeitos, linguagens e materiais.

Uma arte que se faz composição estética, trabalho da sensação que compreende muitas coisas e se individualiza na forma de expressão criada por cada artista: “o material que entra na sensação [...] sobe no plano de composição estética, e lhe dá uma espessura própria” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 229). Assim, vivenciamos experiências de leitura singulares em que outras linguagens, outras formas de expressão do que lemos, ouvimos, vemos, sentimos, do que nos afeta, nos fez aprender coisas novas, naquele pequeno mundo habitado momentaneamente por nós.

Conforme afirma Larrosa (2014), o sujeito da experiência, não é aquele que domina, mas aquele que se deixa afetar, que se abre ao que vem do encontro. Ele nos convida a repensar a forma como compreendemos a experiência, deixando de tratá-la apenas como um conceito abstrato. A experiência, na verdade, é o modo singular de um ser habitar o mundo — um ser que existe em sua inteireza, que não se reduz a uma essência fixa ou a um modelo previamente definido. É por meio da experiência que esse ser se constitui, se relaciona e se transforma. Portanto, falar em experiência é falar de vida em movimento, de sentidos que se constroem no encontro com o outro, com o tempo e com o espaço. Nesse sentido, reconhecer a experiência



como vivência encarnada é também afirmar o valor da escuta, da sensibilidade e da presença no processo educativo (Larrosa, 2014).

Ao nos envolvermos com a proposta de criação do personagem Homem Folha, experimentamos não apenas uma atividade escolar, mas uma vivência estética e sensível, que atravessa e transforma o modo como ensinamos e aprendemos: um mundo habitado por nós educadoras e educandos nas escolas periféricas que dá vida ao corpo educativo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos as experiências de leitura vivenciadas com as crianças como criação da potência do corpo educativo que ultrapassa os limites do ensino convencional da Língua Portuguesa na escola. Eis aí as possibilidades de multiplicar e interrelacionar o que as crianças aprendem com as atividades pedagógicas do turno regular e do contraturno.

A educação integral se alinha justamente a essa perspectiva ao oferecer aos estudantes atividades que não estão presentes no seu horário regular de aula e que possibilitam desenvolver integralmente suas capacidades. Se não for assim, porque passar mais tempo na escola? Como dar sentido a esse tempo integral sem torná-lo repetitivo e enfadonho?

Afinal, não podemos esquecer que as crianças precisam não apenas realizar tarefas escolares de fixação dos códigos e normas linguísticas do Português, principalmente, desenvolver leituras e usufruir prazerosamente do tempo em que vivem as infâncias. Um tempo *aión* de descoberta, imaginação, brincadeira, interação, criação em que a arte de existir enquanto composição estética possibilite expressar modos de ver o mundo e fazer vê-lo tornando-o linguagem. Trata-se de proporcionar vivências que mobilizem sabores, cheiros, olhares, sons e tantas outras sensações, sentidos, saberes que fazem da escola pequeno mundo de formação integral. Lugar propício à expansão de potências do corpo educativo como agente ativo, sensível e transformador dos processos de ensinar e aprender coletivamente.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, **Lei nº 14.640 de 31 de julho de 2023**. Institui o Programa Escola em Tempo Integral. Ministério da Educação, Brasília, 2023. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2023-2026/2023/lei/114640.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2023-2026/2023/lei/114640.htm). Acesso em: 20 ago. 2024.



CASTRO, Lucia Rabello de. A infância e seus destinos no contemporâneo. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, jun. 2002, p. 47-58. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/psicologiaemrevista/article/view/134/128>. Acesso em: 08 abr. 2025.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 2°. São Paulo: Editora 34, 2010.

EHLERT, Lois. **Leaf Man**. Tradução: Fernanda Freitas. Clarion Books, 2023.

KOHAN, Walter Omar. Visões de filosofia: infância. **Alea - Estudos Neolatinos**, v. 17, n. 2, dez. 2015, p. 216–226. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/BSTBy7dzDtwS4QffDZVwmhK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 08 abr. 2025.

LARROSA, Jorge. A experiência e suas linguagens. In: DIAS, R. (Ed.). **Tremores**: Escritos sobre experiências. Tradução: Cristina Antunes. São Paulo: Autêntica, 2014. p. 35–56.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**; em três artigos que se completam. 23° ed. São Paulo: Cortez Ed., 1982. Disponível em: [https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia\\_ato\\_ler.pdf](https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf). Acesso em: 08 abr. 2025.

SILVA, Rodrigo Manuel Dias da. Escolas, territórios e afirmação cultural em periferias urbanas no Sul do Brasil. **Educação e Pesquisa**, v. 48, 2022, p. 1–18. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/kLFYWnMCqLPYDNmgCXBKJm/>. Acesso em: 08 abr. 2025.